



ANÁLISE CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO E DA ESCRAVIDÃO EM ROMANCES ROMÂNTICOS BRASILEIROS

Hebe Cristina da Silva (Bolsista PIBIC/CNPq) e Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (Orientadora), Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, UNICAMP

Foram analisadas as representações do negro e da escravidão em oito romances românticos brasileiros: *A Escrava Isaura* (1875) e *Uma História de Quilombolas* (1871), de Bernardo Guimarães; *As Vítimas-Algozes – Quadros da Escravidão* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo; *As Minas de Prata* (1862-65), *Til* (1872) e *O Tronco do Ipê* (1872), de José de Alencar e *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. Considerando que o Romantismo foi, de certa forma, parte de um processo político de construção de uma nação de molde europeu, percebemos que os autores, com exceção de Maria Firmina dos Reis, tiveram dificuldade de incluir o negro e a escravidão em seus romances. Amenizaram aspectos da escravidão que causavam repugnância entre os europeus e ofuscaram (por vezes omitiram) a presença maciça de negros naquela sociedade. Não podendo, entretanto, negar o caráter escravista da sociedade da época para não serem inverossímeis, nossos romancistas incorporaram a concepção vigente na época do negro como inferior, o que, em seus romances, funciona como uma espécie de estratégia para justificar a escravização do africano.

Romantismo - Romance - Escravidão